

O petróleo, 10 de fevereiro de 2022.

11 milhões de brasileiros de 15 a 29 anos não estudam nem trabalham

Por: Miquéias Santos

Dos 11,675 milhões de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem trabalham, a chamada “Geração nem-nem”, quase metade (48%, ou 5,6 milhões) está concentrada nas regiões Norte e Nordeste. A participação é muito superior aos 38% que essas regiões representam do contingente total de jovens nessa faixa etária no país, segundo levantamento exclusivo do IDados para o Valor, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), a partir do terceiro trimestre de 2021.

Pobreza, mercado de trabalho menos dinâmico e escolas públicas mais precárias estão entre os motivos apontados por especialistas para explicar a maior incidência do fenômeno nessas regiões brasileiras. A taxa média brasileira de “nem-nem” no total de jovens de 18 a 29 anos é de 23,7%, mas supera 30% em estados como Maranhão (36%), Amapá (34,9%), Alagoas (34,1%) e Rio Grande do Norte (30,8%).

“Os dados mostram um desequilíbrio do número de ‘Nem-Nem’ desses estados no total nacional”, diz o economista do IDados Bruno Ottoni, responsável pelo estudo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Essas disparidades regionais já eram uma realidade antes da pandemia. No quarto trimestre de 2019, foi de 24% no Brasil e 35,6% no Maranhão, 28,6% no Amapá e 31,1% em Pernambuco. No período inicial da crise sanitária, a incidência do “nem-nem” aumentou no país e vem crescendo nos últimos trimestres, como consequência da reação do mercado de trabalho, mesmo com vagas mais precárias, explica professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) João Saboia. Naquele momento inicial da pandemia, lembra, houve uma forte redução da população empregada, além do fechamento de escolas, o que contribuiu para o abandono dos alunos.

O padrão de maior concentração nos estados do Norte e Nordeste, no entanto, permaneceu inalterado. Naquele segundo trimestre de 2020, quando a proporção de “nem-nem” entre o total de jovens entre 15 e 29 anos atingiu 29,9% na média brasileira, chegou a 40% em alguns desses estados, como Alagoas (42,6%), Maranhão (40,5%), Paraíba (39,5%) e Pernambuco (39,2%). “A grande diferença se deve às enormes desigualdades regionais do país”, diz.

As taxas de desemprego dos estados dessas regiões são tradicionalmente superiores à média brasileira e aos estados mais desenvolvidos. No terceiro trimestre de 2021, último dado disponível do IBGE, por exemplo, a taxa média de desemprego no Brasil foi de 12,6%, mas foi de 16,4% no Nordeste, a maior taxa entre as cinco regiões brasileiras. Em alguns estados, chegou perto de 20%, como em Pernambuco (19,3%), Bahia (18,7%) e Alagoas (17,1%). Na região Norte, a média é de 12%, mas também há situações extremas, como Amapá (17,5%) e Maranhão (15%).

“Os jovens já enfrentam mais dificuldades para conseguir um emprego por causa da falta de experiência. Em mercados de trabalho com mais desemprego, essa dificuldade se intensifica”, ressalta Ottoni.

A ‘desestruturação’ desses mercados de trabalho favorece essa maior proporção de jovens que não trabalham nem estudam nessas regiões. Nesses mercados menos dinâmicos, segundo Valéria Ferreira Santos de Almada Lima, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e uma das coordenadoras do Observatório Social e do Trabalho da universidade.

Ela diz que há uma tendência maior de as empresas exigirem maior nível de escolaridade e experiência, mesmo para cargos menos qualificados. “É como um filtro para entrar no mercado”, diz a Sra. Lima. Esse tipo de prática aumenta ainda mais o chamado desemprego de inserção, que é aquele no início da vida profissional do indivíduo. “Existe um ciclo vicioso. Os jovens não conseguem emprego porque não têm experiência,

A pobreza também é um fator chave para essas disparidades nas taxas “nem-nem”, diz a Sra. Lima. Ela lembra que o fenômeno do ‘nem-nem’ é mundial, dado o novo contexto do mercado de trabalho, com mais precariedade, mas há uma relação entre pobreza e maior desemprego. “Os dados mostram que

a incidência é maior nas regiões mais pobres do país. Onde há mais pobreza, há menos oportunidades de trabalho e o mercado é mais seletivo”, diz ela. “As empresas costumam exigir um nível mais alto de educação e experiência mesmo para trabalhos que exigiriam menos qualificação. É como um filtro para entrar no mercado.”

Nas regiões mais pobres, os sistemas educacionais costumam ser mais precários e, portanto, mais suscetíveis à evasão escolar. Esse aspecto é apontado pelo professor da UFRJ Saboia como outra influência para a maior concentração de alunos nas regiões Norte e Nordeste.

“É o subdesenvolvimento local que produz mais nem-nem no Norte e Nordeste. Um mercado de trabalho pouco desenvolvido e escolas públicas mais precárias desestimulam os jovens a estudar e trabalhar”, diz.

Link para a matéria original:
<https://opetroleo.com.br/11-milhoes-brasileiros-anos-nao-estudam-trabalham/>